

farol de esposende



QUINZENÁRIO
50\$00

DIRECTOR: BERNARDINO AMÂNDIO



PORTE
PAGO

SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS
ANO I - Nº9 - 11 ABRIL - 1991

RECORDAR O PASSADO CUIDAR O FUTURO

SUMÁRIO

Artes
E Letras
pág. 3 / pág. 4

Desporto
pág. 9

Figuras Típicas
de Esposende
pág. 10

O Concelho
Em Notícia
Gandra.....pág. 7
Marinhas.....pág. 7
Gemeses.....pág. 7

Em Esposende
Em 1921
Era Assim
Pág. 6

Informações Úteis:
Pág. 6

Missas
Pág. 2

Telefones
Urgentes
pág. 6

Espectáculos
pág. 2

Tabela
de Marés
pág. 2

Esposende
em Notícia
pág. 2

A propósito de uma quadra da autoria do saudoso Padre Anselmo Boaventura Rêgo, publicou o Eng.º Paulo Cunha no Boletim Nº 0 do FORUM ESPOSENDE, de 12 Abril de 90, um interessante artigo no qual chama a atenção para a frustração que invade a alma de muitos esposendenses, quando de retorno à sua terra sempre a encontram «inactiva, apática e falha de projectos»!

A quadra em questão, que no seu tempo fez as delícias dos esposendenses, sintetiza, de uma forma exemplar, o que era Esposende há quase 60 anos. A quadra, que vem publicada no frontespício do Boletim referido, é a seguinte:

*Quando a Esposende eu chego,
Ou se de Esposende parto,
Olho o relógio da Câmara
São quatro menos um quarto.*

Eu sabia da existência desta quadra, embora dela já me não recordasse muito bem. O facto é que esta quadra, tão a propósito lembrada por Paulo Cunha, não mais deixou de me trazer à memória reminiscências do meu tempo de rapaz, que recordo com muita saudade. O bondoso Padre Anselmo era então o encanto da petizada – que muito amava e a quem ministrava, em plena rua, ao acaso, a paternal benção que acompanhava com a oferta do «santinho» que adrede tinha sempre à mão. Saudosos tempos! Era o tempo em que tudo em Esposende era pacato onde todos se conheciam e viviam sem grandes perspectivas de futuro. Como a quadra sugere, Esposende estava parada no tempo, como o relógio da Câmara Municipal.

A vila, estendida ao longo da Estrada Nacional – que a atravessava pelo meio, ali mesmo, pela Praça do Município – começava no sul, um pouco antes do cemitério, no chamado Rêgo da Pita e acabava no norte, já fora de portas, um pouco além do Hospital. Nada ou pouco mais existia. Esposende, na realidade, era uma pequena vila piscatória sem relevância nos aspectos económico e cultural. Na verdade, à parte os Estaleiros Navais, já em decadência, era a pesca a actividade económica mais importante.

É um facto que os anos das décadas de 30 e 40 foram tempos muito difíceis para Esposende, sobretudo os vividos nos terríveis anos da II Guerra Mundial. A laboriosa classe piscatória muito numerosa, com muitas bocas a sustentar, com rendimentos escassos, face aos preços do pescado nem sempre compensadores, era a mais sacrificada.

Cont. na 8ª pág.

pelo Coronel Bento Lopes da Costa



*Quando a Esposende eu chego,
Ou se de Esposende parto,
Olho o relógio da Câmara
São quatro menos um quarto.*

Padre Anselmo

O «TIÃO»

H. S. Oliveira

Sempre assim o tratei na intimidade devido à amizade existente entre ambos, embora para a maioria das pessoas seja o D. Sebastião.

Falamos de Esposende, seus problemas, suas aspirações, quando passou em frente rapariga nova cantarolando, em surdina, tomando contudo audível os últimos versos: e anda aí um sujeitinho...

...que não tira os olhos dela!

D. Sebastião diz de imediato: ouvieste?... deveria antes dizer: e anda aí um sujeitinho, que não tira os olhos dela, - e dele!...

Dela, - a vossa Terra! - Dele, - a minha pessoa.

Pois o tal sujeitinho, anafado, verme-lhusco, normalmente bem vestido e melhor penteado, sempre que pode e a ocasião lho proporciona, diz que Esposende não poderia nunca ter tido a importância no passado, que vós lhe atribuídes. E então é um nunca acabar de citações que nada comprovam para deduzir o seu ponto de vista: porque fulano quando se referiu ao norte de Portugal, não fala no porto de Esposende; porque beltrano, ao referir-se à barra de Esposende, não apresenta

Cont. na 8ª pág.

TURISMO

Chave de desenvolvimento

– Uma resposta

pelo Dr. Armando Saraiva

Com este título, o sr. M. L. faz no último Farol de Esposende uma pequena abordagem do Turismo local, destacando sobre modo a acção de António da Costa Leme, dizendo textualmente que «em Esposende houve alguém entre os anos 50 a 60 que deu o impulso principal para o arranque do aproveitamento das condições naturais: António da Costa Leme, Presidente da Câmara durante o

período atrás referido, foi esse alguém que criou a zona de Turismo Esposende – Ofir».

Falar de Turismo no concelho, seja de Ofir, seja de Esposende, sem evocar os seus reais pioneiros é cometer o pecado de omissão, incompatível com a verdade histórica.

Vamos por partes. O homem que

Cont. na 8ª pág.

Esposende em notícia

Artes e Letras

Para esta secção vamos poder contar com a preciosa colaboração de um muito probo investigador do passado histórico, o Senhor António Monteiro dos Santos, Vilacondense ligado às actividades da Biblioteca daquela nobre terra, de mareantes. Já neste número poderemos apreciar um notável trabalho sobre a «peste grande de Esposende em 1568».

Muito honrados com a presença de tão distinto colaborador..

Correspondente em Mar

Podemos informar que S. Bartolomeu do Mar vai surgir nas nossas páginas com regular correspondência, proporcionada pelo Senhor Dr. António Maranhão Peixoto, que gentilmente aceitou ao nosso convite. Em breve teremos o prazer de publicar as primeiras notícias daquela progressiva freguesia do nosso concelho.

Preços do «Farol de Esposende»

Assinatura Anual
País e Estrangeiro..... 1.000\$00
Número avulso 50\$00
Assinatura de apoio a partir de 1.500\$00
Publicidade, colaboração e novas assinaturas podem ser feitas em António da Costa Terra, na Rua 1º de Dezembro, telefone 961103 4740 Esposende

«Farol de Esposende» Quinzenário

Colaboradores:

Altamiro Almeida Marques
António Monteiro dos Santos
Anselmo Fonseca
Dr. António Maranhão Peixoto
Dr. António Nogueira
Prof. Armando M. Henriques
Armindo da Rocha Duarte
Dr. J. Bernardino Amândio
Dr. José Cândido Vinha Novais
Prof. Joaquim F. Cachada
José Sousa Felgueiras
Dr. J. Marques Regado
T. Luís Gonzaga A. Coutinho
Dr. Mário Leitão
Dr. Mário Vale Lima
Dr. Manuel Alves Coutinho
Manuel Bernardo Santa Marinha
Manuel António Monteiro
Nereides Martins
Dr. Rui A. Faria Viana
Dr. Virgínio Sá

Propriedade: Forum Esposende, Associação Cívica para o Desenvolvimento e Progresso de Esposende
Redacção e Administração: Rua Barão de Esposende, 35 - 4740 Esposende
Composição e Impressão: Empresacoop - Rua Bernardo Sequeira
Telefone 79850
Apartado 77 - 4700 Braga
Nº de Registo: 114969 / 90
Tiragem média: 2.000 exemplares

As solenidades da Páscoa

Com o tempo calmo, agradável até, decorreram as solenidades da Semana Santa com a presença de muitos fieis e até alguns turistas espanhóis que puderam admirar as procissões ao longo dos percursos.

Também se processou festivamente a visita pascal com a tradição a manter-se de há muitos anos, não obstante as crescentes dificuldades que resultam do grande desenvolvimento residencial que Esposende atravessa.

Horários das Missas em Esposende

Domingo 8 horas Misericórdia
" " 10 " Matriz
" " 12 " "
" " 19 " "
Sábado 18 e 19 horas Matriz (inverno)
" 18,30 e 19,30 - Matriz (Verão)
Semana 8 e 18 horas Matriz (Inverno)
Semana 8 e 19 horas Matriz (verão)

Aos assinantes do estrangeiro

A recente autorização feita a este jornal do «Porte Pago», vai permitir o seu envio regular aos nossos muito estimados assinantes distribuídos pelos mais distantes pontos do mundo. Já estamos a proceder a essa expedição dos números em atraso e regular envio dos que a partir de agora se publicam.

Agradecemos aos nossos assinantes que nos indiquem possíveis interessados em receber o «Farol de Esposende».

Notícias pessoais

Passando o período de férias de Páscoa e na companhia da família vimos nesta Vila:

De Madrid, o Senhor Dr. Jorge Coutinho;

Dos Açores, o Senhor Dr. Juiz Armindo Costa

De Lisboa, os senhores:

- Capitão de Mar e Guerra João Boughart Loureiro Barbosa

- Engº João Maria de Oliveira Martins

- Engº José Gonçalo Ferreira Rodrigues Areia, Director Geral das Telecomunicações

- Engº António Paulo Sá e Cunha

- Dr. Joaquim de Carvalho, Juiz do Supremo Tribunal de Justiça

- António Almeida Miquelimo

- Coronel Mário Sanches Vaz

- Arquitecto Márcio de Freitas

- João Migueis Ferreira da Silva.

- Engº Nuno Maria Ferreira da Costa

- Dr. Orlando Martins Capitão

- Dr. Joaquim Loureiro Vassalo

- Dr. João Maria Fernandes Dias da

O FAROL DE ESPOSENDE ESTÁ À VENDA NA TABACARIA CINE

Cruz

- Dr. Manuel Barbosa da Silva

- Fernando Marques Boaventura

Rego

Do Porto, os senhores

- Dr. José Alberto da Rocha Contim

- Manuel António Monteiro

- Leopoldo Pereira Alves

De Amarante, o Senhor - António

Boughart Loureiro Barbosa

Certamente que outros nossos assinantes se deslocaram de férias, mas só estamos a noticiar os nomes que chegaram ao nosso conhecimento.

Para todos endereçamos as nossas saudações amigas.

Comandante Jorge M. Vieira Amândio

Assumiu as funções de 2º Comandante do Comando da Zona Marítima do Norte o nosso conterrâneo e sócio do Forum Esposendense, Capitão Tenente Jorge Manuel Vieira Amândio.

Desejamos-lhe as maiores felicidades no novo cargo.

Tito Evangelista

Acometido de doença súbita, deu entrada na Clipóvoa para tratamento o nosso conterrâneo Senhor Tito da Silva Evangelista, Relator do Conselho Fiscal do Forum Esposendense. Fazemos votos pelo seu rápido restabelecimento.

Permutas com a Imprensa Regional

Estamos a proceder à remessa deste jornal para colegas da imprensa regional e agradecemos desde já a permuta. Não o fizemos a partir do 1º número por não dispormos ainda do Porte Pago, facto verificado só agora.

A água que bebemos

Pelas informações que temos não melhoraram e não pioraram as condições de toxidade em que nos é fornecida a água que bebemos. Anuncia-se o funcionamento de estações de tratamento em Braga e Barcelos, encontrando-se a de Esposende concluída, pelo que se espera para breve o seu funcionamento. A saúde pública assim o exige.

ESPOSENDE
VIDROS DUPLOS
GÁS CANALIZADO
SOALHO TRADICIONAL
ARQUITECTURA
ZONA DE LAZER
BEM ESTAR
VASCO DA GAMA
EREGIR

Escola Secundária Henrique Medina de Esposende

Integrada na greve da não publicação de notas motivada no comportamento do Ministério da Educação que não procedeu atempadamente ao pagamento dos vencimentos e acerto de escalões, esteve também a Escola Secundária Henrique Medina, em comunhão com uma grande maioria de escolas congêneres do país.

Grupo Coral de Esposende

Comemorou no dia 8 de Abril o seu 18º aniversário.

Este agrupamento fez a sua estreia com 35 elementos, na Missa Solene de S. José, celebrada na Igreja Matriz, em 8 de Abril de 1973 - Aquando da festa de Aniversário da Corporação dos Bombeiros Voluntários desta Vila.

Sempre devotado à Missa Sacra, tem abrilhantado parte das solenidades litúrgicas da Semana Santa e das festas em honra de Nª Srª da Saúde e Soledade, havendo realizado alguns recitais e participando em vários encontros de cores ao longo da sua existência.

Para celebrar esta data o Grupo Coral solenizará a Missa das 10 horas de Domingo 8 de Abril, que é também a da Festa de Aniversário da Corporação dos Bombeiros . A.R.

Actividades Culturais

Duas actividades culturais terão lugar no corrente mês, na Vila de Esposende.

Assim, na Escola Preparatória decorrerá a Feira do Livro, aberta ao público entre 15 do corrente e o dia 3 de Maio, desde as 8.30 às 18.00 horas. Aos sábados e feriados o horário de funcionamento será das 15.00 às 18.00 horas.

Na escola Secundária Henrique Medina, entre 22 e 26 deste mês terá lugar a Semana Cultural com um rico programa de acções recreativas, desportivas e Culturais destacando-se também a Feira do Livro

Espectáculos

Programação da 1ª quinzena de Abril de 1991 do CINEZENDE

Sábado dia 29 - às 15H30 e 21H30 Amar-te-ei até te Matar M12

Sábado dia 20 - às 24Hoo (Meia/Noite) Com o Diabo Dentro Dela M18

Domingo dia 21 às 15H30 e 21H30 Amar-te-ei até te Matar M.12

5ª Feira dia 25 às 15H30 e 21H30 Presumível Inocente M.16

Sábado dia 27 às 15H30 e 21H30 As Montanhas da Lua M.12

Sábado dia 27 às 24H00 (Meia/Noite) TABOO 4 - Sexo Proibido M.18

Domingo dia 28 - às 15H30 e 21H30 As Montanhas da Lua M.12

Tabela das Marés para Esposende Abril

Hora Altura			Hora Altura		
16	3 34	3.5	23	4 40	1.1
TER	9 38	0.4	TER	10 57	2.8
	15 54	3.5		16 58	1.3
	22 2	0.4		23 18	3.1
17	4 18	3.4	24	5 45	1.0
QUA	10 19	0.5	QUA	11 57	2.9
	16 37	3.5		17 58	1.1
	22 47	0.5			
18	5 4	3.3	25	0 15	3.2
QUI	11 4	0.7	QUI	6 35	0.9
	17 24	3.3		12 45	3.1
	23 38	0.7		18 47	0.9
19	5 57	3.1	26	1 2	3.3
SEX	11 54	0.9	SEX	7 17	0.8
	18 17	3.2		13 26	3.2
				19 29	0.8
20	0 37	0.9	27	1 43	3.3
SAB	6 59	2.9	SAB	7 53	0.7
	12 55	1.1		14 3	3.3
	19 22	3.0		20 7	0.7
21	1 51	1.1	28	2 21	3.3
DOM	8 15	2.7	DOM	9 28	0.6
	14 12	1.3		14 38	3.3
	20 41	2.9		20 42	0.6
22	3 18	1.1	29	2 56	3.2
SEG	9 39	2.7	SEG	8 37	0.6
	15 40	1.4		15 12	3.3
	22 5	3.0		21 17	0.6
			30	3 30	3.1
			TER	9 29	0.7
				15 46	3.2
				21 51	0.7

Tente a sua Sorte

no «Serra da Sorte»

Agora com preenchimentos computurizados
Garantia de bons prémios

Consulte-nos

Largo R. Sampaio

4740 Esposende



Artes e Letras

À descoberta da nossa terra

Dr. Rui A. Faria Viana - Dr. Virgínio Sá

Os moinhos de vento da Abelheira (Marinhas) - I

«É com profunda saudade que vejo desaparecer pouco a pouco os vestígios da nossa antiga actividade, da nossa industria caseira. A machina vai triturando tudo no seu movimento vertiginoso, sem que mão piedosa se lembre de apanhar esses restos, humildes mas gloriosos...»

Era nestes termos que há cerca de um século atrás se referia Sousa Viterbo (Archeologia industrial portuguesa: os moinhos, in «O Archeologo Português», 1896) ao progressivo desaparecimento da indústria tradicional da moagem. Desde então, grandes progressos se verificam em toda a humanidade quer no campo material, quer cultural, no entanto, a angústia presente em Sousa Viterbo continua plena de actualidade.



Rep. de postal antigo (Abelheira)

Vêm estas palavras a propósito da situação de ruína e de quase total abandono em que se encontram os moinhos de vento que outrora conferiam um toque poético à paisagem da Abelheira, na freguesia de Marinhas. A farinação, ainda há poucas décadas atrás, assumia grande importância económica nesta freguesia. Segundo o Sr. Álvaro Pereira («Mil homes»), um dos poucos sobreviventes desta actividade e pessoa particularmente sensibilizada para a defesa e preservação destes sistemas de farinação de cereais, existiam para cima de dezena e meia de moinhos de vento e perto de quarenta azenhas. Deste impressionante conjunto, apenas se mantêm em laboração duas azenhas, que aliás necessitam de obras de restauro (a do nosso informador e a da «Dina da Sarralheira»).

O carinho que nos merece esta actividade, a importância económica de que se revestiu e, sobretudo, o preocupante estado de degradação em que se encontram os moinhos de vento da Abelheira, justificam, do nosso ponto de vista, uma abordagem mais alargada do que aquela que habitualmente fazemos aos as-

suntos tratados neste espaço.

Assim, decidimos dividir este tema em dois grandes pontos (I - Evolução dos sistemas de farinação ao longo dos tempos; II - Caracterização dos moinhos de vento da Abelheira) a serem tratados neste e no próximo número do Farol de Esposende.

Evolução dos sistemas de farinação ao longo dos tempos

Almofariz

O sistema mais primitivo já presente nas primeiras comunidades neolíticas, utilizado na trituração dos cereais foi o almofariz (ver fig. 1). Este, consistia num bloco de pedra fixo ou não onde se abria uma concavidade na qual se colocavam os cereais que eram triturados por intermédio de um pilão. Progressivamente a madeira foi substituindo a pedra, permitindo uma maior facilidade na sua utilização. Uma variante «doméstica» do almofariz é ainda hoje utilizada em algumas regiões do nosso país na preparação de ingredientes necessários na gastronomia tradicional.

Almofariz neolítico (desenho extraído da «História», nº 26-27, 1980-81, p. 39)



Esta técnica primitiva sofreu uma pequena evolução que consistiu em cravar o pilão numa tábua balanceada que podia ser accionada com os pés («pio de piar os milhos»).

Moinho de reboło

Mais ou menos coevo do almofariz é o moinho de reboło ou de vaivém. Este, era constituído por uma pedra alongada, ligeiramente côncava, sobre a qual deslizava em movimento de vaivém um pequeno bloco de pedra de forma arredondada. Segundo Nelson C. Borges (A farinação através dos tempos - I: as origens do fabrico do pão, in «História», nº 26-27, 1980-81, p. 41) este processo de farinação manteve-se em uso para além do aparecimento dos moinhos rotativos.

Cont. na 4ª pág.

A «Peste Grande» Esposende - 1568

por Monteiro dos Santos

Vários surtos epidémicos, ao longo dos séculos, surgiram em Portugal. A mais antiga referência conhecida, a este mal, é-nos dada por José Rodrigues Abreu, em «Historiologia Médica», Lisboa, 1723-1752, quando o referencia em 1188, reinado de D. Sancho I, chamando-lhe PESTE, sem indicar qualquer pormenor que possa definir a sua natureza clínica.

Um país como Portugal, aberto ao mar, estava sujeito a todos os males epidémicos, quer pelo contacto marítimo dos seus pescadores e navegantes com os portos da Europa, quer recebendo, do mesmo Continente, os barcos de cabotagem.

Em 1569, no reinado de D. Sebastião, surge em Portugal uma grande crise epidémica que ficou conhecida como «Peste Grande», afectando inúmeras terras do país, chegando, em Lisboa, a provocar a morte de 600 (seiscentas) pessoas por dia.

Um ano antes, em 1568, em Esposende, o mal da peste, «de que Deus nos guarde» fez a sua entrada maligna. Quantos morreram? Não o sabemos. O documento que a seguir se reproduz, actualizado na grafia por se destinar a ser publicado num periódico e, portanto, abrangendo grande público, não no-lo diz. Adianta, contudo, que o lugar de Esposende «...se despejava»... O mal, entrado por via marítima, vindo da Galiza, das Astúrias, ou de outra qualquer localidade marítima, obrigava os moradores a abandonarem as suas casas. O rei D. Sebastião - o mesmo que elevou Esposende à categoria de vila - sabendo do facto por informação da Câmara Municipal de Vila do Conde, enviou, de imediato, o seu melhor cirurgião, experimentado neste flagelo - Mestre André.

A carta régia, que se guarda no precioso Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Vila do Conde, reza assim:

«Juizes, Vereadores e Procurador da vila de VILA DO CONDE, eu, el-rei, vos envio muito saudar. Os Vereadores desta cidade de Lisboa me mostraram uma carta que lhes escrevesteis em que lhes dais conta de como, a cinco dias deste mês de Maio, soubestes que no lugar de Esposende houvera rebate da peste, de que Nosso Senhor nos guarde, e que o dito lugar se despejava, e que nessa vila pusereis logo guardas e que assim o faziam os outros comarcãos, e se guardavam assim do dito lugar de Esposende, como de alguns lugares da Galiza e das Astúrias que tinheis sabido morrerem do dito mal. E lhes faziéis saber para proverem acerca da guarda desta cidade, como sabiam que cumpria e era necessário. E tenho-vos em serviço o aviso que lhes desteis e a diligência com que o fizestes e pois sabéis quanto importa a meu serviço e à saúde do povo porem-se as ditas guardas e ter-se nisso grande vigilância, vos encomendo e mando que tenhais mui grande cuidado de fazer guardar nessa vila e seu termo, para que não entre nela pessoa alguma, por mar, nem por terra, sem primeiro se saber donde vem e que vem desimpedida. E trazendo algum impedimento fareis pôr em degredo as pessoas que o trouxerem e estarão nele os dias que vos bem parecer e, às tais pessoas, fareis prover de todo o necessário, por seus dinheiros. E rumando logo desta cidade Mestre André, meu cirurgião, que na cura deste mal é experimentado, para no dito lugar de Esposende, e em qualquer outro dessa comarca onde der algum rebate, curar os enfermos, ao qual se dará toda a ajuda e favor que pedir e houver mister, assim para a cura dos ditos enfermos, como para atalhar que o dito mal não vá por diante e se lhe apague. E muito vos encomendo que na guarda dessa vila tenhais, especial cuidado, porque nisso me servireis. Baltasar Vaz a fez a oito dias do mês de Maio de mil e quinhentos e sessenta e oito. Fernão da Costa a fez escrever.

Rei "

Esta peste de 1568, em Esposende, foi, provavelmente, o rastilho da «Peste Grande» em 1569.

O que veio depois, não o sei eu.

Se permitir, amigo leitor, prometemos voltar com mais histórias sobre a sua querida e bela Esposende.

Monteiro dos Santos.

Vila do Conde, 25 de Março de 1991.

Brazões, emblemas e figurões

pele Dr. Mário Vale Lima

Lamenta-se o Dr. Bernardino Amândio, mestre nas coisas de marcar, por ver no braço de Esposende um barco com casco e velas desconformes como o seria uma bicicleta de rodas ovais na estátua do Joaquim Agostinho.

Semelhante barco, se lançado à água, deslocar-se-ia em círculos ou quando muito em zigzagues, para espanto de mirones e em barço dos armadores.

Esta fez-me recordar uma outra, ocorrida no período revolucionário, que contem um lapso deste género.

Num bairro remediado, surgiu um Comité Revolucionário de Moradores liderado por um jovem aí nascido e até então educado para singrar na vida de acordo com os valores tradicionais; cevado à pressa na ideologia revolucionária fez-se um misto de

capitão civil e evangelizador esquerdista, encarregado aí do dito comité.

Teve uma tão atribulada quanto efémera carreira revolucionária.

Várias diatribes o levaram ao desânimo e intento de se afastar mas a Organização lembrou-lhe os amanhã radiosos e ficou.

Apesar do sacrifício acabou sacrificado por ter cometido uma pequena bronca mas comprometedor da imagem de Organização: Numa efeméride de luta inscreveu palavras de ordem revolucionárias por todo o bairro, assinados com a sigla e o emblema respectivos - foice e o martelo.

Só que por não serem utensílios que alguma vez lhe tivessem

Cont. na 4ª pág.

Artes e Letras

Cont. da 3ª pág.

À descoberta da nossa terra

Dr. Rui A. Faria Viana - Dr. Virgínio Sá

Os moinhos de vento da Abelheira (Marinhas) - I

Mós manuais circulares

As mós circulares representaram um grande avanço tecnológico pois o movimento giratório imprimido à pedra móvel permitia maximizar o esforço, aumentando substancialmente a produtividade. Inicialmente movidas pela força humana com soluções diversificadas, passaram depois a ser movidas pela força animal. Segundo Jorge Dias (Moinhos, in «Dicionário de História de Portugal», vol IV, Porto, 1981, p. 324) as mós circulares surgiram no mundo romano entre os séculos IV e III a. C.. A partir de então, sofreram vários aperfeiçoamentos entre os quais se destaca a aplicação de um veio que, atravessando a mó inferior, se fixava na mó superior através de um dispositivo denominado *segurelha* e que permitia regular o espaço, entre as mós de modo a obter-se farinha mais ou menos fina consoante o fim a que se destinava.

Estes «motores a sangue» produziam 0,5 cavalos-vapor, o que era manifestamente pouco. Por isso, houve necessidade de utilizar outras fontes energéticas, tendo sido aproveitada, numa primeira fase a energia hidráulica e, alguns séculos mais tarde a força do vento, o que veio permitir satisfazer mais facilmente as necessidades de alimentar uma população em crescimento. Estas soluções técnicas permitiram um ganho substancial na energia produzida - cerca de 3 c.v. (Nelson C. Borges, *A farinhação através dos tempos - 3: moinhos hidráulicos*, in «História», nº 29, 1981, p. 67).

Moinhos hidráulicos

O moinho de água mais antigo é o de rodízio. A primeira descrição que se conhece é de 85 a. C. como referem Ernesto Veiga de Oliveira e outros (*Tecnologia tradicional portuguesa: sistemas de moagem*, Lisboa, INIC, 1983, p. 69). Este engenho hidráulico («moinho grego») é bastante simples não dispondo de qualquer engrenagem, sendo o eixo vertical o único dispositivo que estabelece a ligação entre a «mó andadeira» e a roda horizontal accionada pela água. Esta transmissão directa implica que o número de voltas da roda horizontal (rodízio) seja o mesmo que o da «mó andadeira». A sua introdução em Portugal deve-se provavelmente aos romanos (Ernesto V. de Oliveira e outros, *ob. cit.*) tendo sobrevivido até aos nossos dias. Jorge Dias estima que dos dez mil moinhos em actividade cerca de metade sejam de rodízio (*ob. cit.*, p. 326). Outro tipo de moinho hidráulico é a azenha descrita por Vitruvius cerca do ano 20 a. C. (Cfr. Nelson C. Borges, *A farinhação através dos tempos - 3: moinhos hidráulicos*, in «História», nº 29, 1981, p.70) em que a grande inovação consiste na colocação da roda hidráulica em posição vertical e movimentada pela água que lhe passa por baixo - *propulsão inferior*. Uma vez que o eixo se encontrava na posição horizontal foi necessário encontrar um mecanismo capaz de transmitir o movimento ao eixo vertical da mó. O processo consistiu na aplicação de uma roda dentada - *entrosca* - no eixo horizontal que engrenava num dispositivo - *carrinho* - inserido no veio vertical da mó (processo idêntico ao utilizado nos moinhos de vento de Abelheira). No início do séc. IX e nos casos em que não era possível dispor de um grande caudal de água, mas onde existia um declive acentuado adoptou-se uma solução que consistiu em dotar a roda de pequenos «cocos» sendo a água agora conduzida por um canal de modo que caía sobre a roda na forma de jacto - *propulsão superior*. A sua introdução em Portugal deu-se cerca do séc. X difundindo-se através da acção das ordens religiosas e ainda hoje encontramos na Abelheira estas duas variantes. A estas duas espécies de moinhos de água, acrescentam-se ainda os moinhos instalados em barcos e os moinhos de maré.

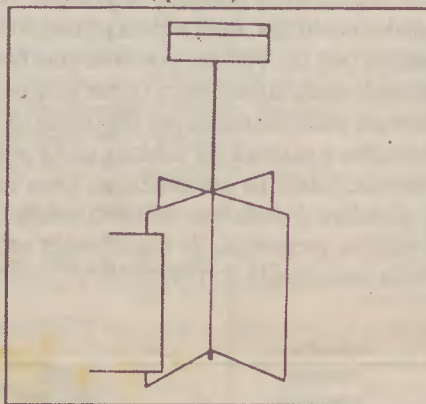
Moinhos de vento

A utilização dos engenhos de água deparava com dificuldades nos locais e períodos em que esta fonte de energia escasseava. Como alternativa, verifica-se o aproveitamento da energia cólica na moagem dos cereais, pois só assim o moleiro podia trabalhar todo o ano utilizando a energia hidráulica no Inverno e recorrendo ao moinho de vento no verão.

A origem deste invento levanta algumas dificuldades pois é difícil determinar quer a datação, quer o espaço geográfico onde terá surgido. O princípio teórico do funcionamento do moinho de vento vertical assenta no sistema descrito por Herão de Alexandria, pouco antes do nascimento de Cristo, para produzir sons por intermédio do vento («anemurion»). No entanto, o primeiro moinho de vento só surgirá alguns séculos mais tarde e utilizando um sistema motriz bastante diferente do descrito por Herão - trata-se do moinho de vento de eixo vertical, semelhante ao moinho de rodízio, enquanto que o invento a que se refere Herão apresenta um eixo horizontal do tipo que vários séculos mais tarde vai surgir na Europa Ocidental.

Os moinhos de vento mais antigos de que há notícia são do tipo de eixo vertical e roda de vento horizontal, (ver fig. 2), e datam pelo menos do séc. X, senão mesmo do séc. VII, e surgiram na região entre o Iraque e o Afeganistão (Cfr. Ernesto V. de Oliveira e outros, *ob. cit.*, p. 217).

Esquema de moinho de vento primitivo de roda horizontal (des. ext. de «História», nº 30, 1981, p. 73)



A difusão deste tipo de moinho no ocidente tem originado várias opiniões: uns atribuem-na aos cruzados, outros consideram que a inovação chegou ao ocidente via Rússia e Escandinávia, e por último, há os que defendem a sua introdução pelos muçulmanos, neste caso via mediterrâneo. Em Portugal não há vestígios de moinhos de vento horizontais, havendo no entanto referências escritas a este tipo de moinhos para a Península Ibérica.

Uma vez que os moinhos horizontais (assim designados pela posição horizontal da roda de vento) não estavam adaptados às condições de vento da Europa (ventos de direcção muito variável) nunca devem ter conhecido aqui grande expansão. Para resolver este problema foi necessário inventar um sistema que pudesse acompanhar a mudança de direcção do vento, tendo surgido os moinhos verticais, assim denominados pela posição vertical da roda do vento, em que se torna possível rodar toda a estrutura ou parte desta com vista a orientar a roda contra o vento. O princípio mecânico em que se baseia este tipo de moinhos é bastante diferente do utilizado no oriente pelo que é considerado um invento independente (Cfr. Nelson C. Borges, *A farinhação através dos tempos: moinhos de vento*, in «História», nº 30, 1981, p.76) e designado de moinho europeu. Este surge em finais do séc. XII na região da Normândia a partir de onde se difundiu para outros espaços europeus (Cfr. Ernesto V de Oliveira e outros, *ob. cit.*, p. 225).

Os moinhos de vento verticais podem dividir-se em quatro grandes grupos: os moinhos de poste, os moinhos fixos de torre com tejadilho móvel, os moinhos giratórios e os moinhos de armação. Os primeiros consistem numa «casota» de madeira onde se encontra o mecanismo de moagem que assenta num poste vertical solidamente implantado no solo. A «casota» roda por acção de uma haste de madeira ligada à sua base e movida por força braçal. Os moinhos fixos de torre com tejadilho móvel conforme a sua designação indica, apenas a cobertura roda para se encontrar uma posição mais favorável ao aproveitamento da força do vento. Nos moinhos giratórios, o mesmo objectivo consegue-se rodando a estrutura em torno de um espigão excêntrico aplicado na sua base através de um alavanca, enquanto os moinhos de armação são auto-reguláveis através da aplicação de um leme do lado oposto à roda de vento.

(continua no próximo número).

Teria sido Judas um traidor?

Assistimos, no passado Sábado, à tradicional «QUEIMA DO JUDAS», promovida pelos nossos Bombeiros Voluntários, este ano integrada no Programa das FESTAS DA VILA - FESTAS DO SENHOR BOM JESUS DE FÃO -, Judas a quem é assacado o labéu de traidor a seu Mestre, como dias antes, ao assistir à transmissão das Cerimónias da «VIA SACRA», no Coliseu de Roma, várias vezes ouvimos referir.

Mas também, ao assistir àquela mesma Cerimónia, ouvimos dizer - e é costume ouvi-lo em outras ocasiões - que Jesus «se imolou», o que significa que Jesus se entregou por «motu-próprio», para sofrer o mais infamante suplício existente - a *crucificação* -, como parece estaria já previsto nos desígnios de Deus, seu Pai.

Seria Jesus Cristo tão desconhecido que fosse necessário ser denunciado aos seus algozes? Não era ele suficientemente conhecido para congregar à sua volta, onde quer que chegasse, vasto auditório para, não só ouvir as suas palavras, mas também para lhe implorar a cura ou remédio para os seus males? Se o era para a população em geral, não seria lógico que também o fôsse para os soldados romanos?

Na sua Última Ceia com os seus discípulos, Jesus disse, ao benzer o pão, «tomai e comei; este é o meu corpo por vós entregue» e, ao benzer o vinho «tomai e bebei; este é o meu sangue por vós derramado». E, talvez perante a perplexidade de seus discípulos, acrescentou «um de vós há-de entregar-me», não parecendo uma acusação, antes uma afirmação.

Entre os discípulos estava Judas Escariote - não confundir com Judas Tadeu, mais tarde canonizado - que, por vontade de Deus, foi o escolhido para cumprir aquele seu desígnio, para desempenhar o papel de vilão, num acto que foi julgado necessário levar a efeito.

Sem dúvida que Jesus Cristo se imolou, se entregou de motu-próprio - como consta das Sagradas Escrituras e aprendi quando frequentei a Catequese -, mas, talvez para tirar a esse acto tal carácter, houve que escolher alguém que levasse os soldados romanos até ao local - o Jardim das Oliveiras -, para onde Jesus se retiraria. E esse alguém foi Judas Escariote, naturalmente por ser o mais sugestível, o mais receptivo à mensagem mental transmitida, mensagem que ele executou inconscientemente, sem dúvida, enforcando-se, quando, retomando a consciência, viu o que tinha feito, esquecendo que, se tudo não fosse da vontade de Deus, este teria poderes suficientes para de tudo tomar conhecimento, para tudo anular.

Pode-se considerar Judas um traidor? Parece que não. Ele foi, isso sim, o executor de uma vontade muito mais forte, a vontade de Deus. Não será já tempo de proceder à reabilitação de Judas Escariote? À Igreja deixamos a sugestão.

Fão, 1 de Abril de 1991.

JIM HERVIN

Brazões, emblemas e figurões

Cont. da 3ª pág.

pelo Dr. Mário Vale Lima

passado pela mão, a foice desenhou-a com os dentes no rebordo convexo e ao martelo desenhou-lhe umas unhas inacessíveis aos pregos.

A Organização desfez-se dele, e consciente dos prejuízos destes erros procedeu a uma limpeza da emblemas imaginários e à impressão de canónicos.

Para acabar a história, não a do emblema mas a do figurão, resta dizer que é hoje como muitos outros espécimes idênticos dessa época, um próspero político profissional lisboeta, felicíssimo, a desenhar com perfeição e azáfama, tachos e gamelas para os emblemas do partido que agora tão bem o acolhe.

Os Estaleiros de Esposende devem ser apoiados



O estado em que ficou o armazém dos Estaleiros de Esposende

O recente temporal que destruiu grande parte das instalações dos estaleiros de Esposende, de forma alguma podem passar no olvido de quem assumiu a responsabilidade de zelar pelos valores fundamentais do passado, presente e futuro que muito nos dignifica. Os armazéns foram destruídos e a capacidade financeira, por vicissitudes pontuais não são as mais favoráveis para os proprietários daqueles estaleiros. Sensibilizem-se de forma a entender que há no concelho actividades nobres a preservar, edifícios a defender, velhos arruados a manter.

Com intervenção do Estado ou sem ela, com apoio de subscrição pública ou

auxílio exclusivo da Câmara, acarinhem esta indústria centenária que fala a todos nós, do concelho, de um passado de que nos devemos orgulhar.

Chega de virar as costas àquilo que ainda nos resta de bom e muito é ainda se actuarmos atempadamente e com respeito pela traça original dos edifícios em ruína, como o Teatro de Esposende, o Hospital com projectos de um dos mais notáveis arquitectos portugueses: Ventura Terra. Surpreendem-se comportamentos que parecem esconder o desejo de denegrir Esposende e os seus valores fundamentais. E as razões são de sobejo e com factos à vista.



Pelos Bombeiros

Plenário da Federação - Não nos foi possível, com oportunidade, noticiar a realização do Plenário da Federação dos Bombeiros do Distrito de Braga, reunião ordinária desse órgão efectuada na Sede da Associação Humanitária e Beneficente dos B.V. de Esposende em 17 de Março último. Os representantes administrativos e operacionais das Associações, Corpos de Bombeiros Privativos e Sapadores, estiveram presentes, cumprindo uma Ordem de Trabalho que contemplava assuntos específicos do interesse das Corporações e respectivos Corpos Sociais. Assim, para além de problemas ligados ao pretendido alargamento de isenção do IVA, legalização de viaturas ofertadas por emigrantes, os participantes presentes, em período de informação, conheceram o trabalho meritório da Federação, posições assumidas por congéneres no País, terminando a reunião com a aprovação de contas de 1990 e Plano de Actividades para 1991 e, ainda, com o co-

nhecimento dos temas a tratar na Assembleia de Delegados realizada oito dias depois, em Miranda do Douro.

Assembleia de Delegados - Embora a proposta da Direcção tivesse sido já aprovada em Assembleia realizada, no ano transacto, em Ponta Delgada - Açores, este órgão da Liga dos Bombeiros Portugueses, reunido em 23 de Março em Miranda do Douro, ratificou a decisão de promover uma próxima Assembleia de Delegados em Esposende. Conforme os períodos de tempo que medeiam estas reuniões entre Congressos, poderá prever-se que, lá para o Verão, os representantes dos Bombeiros de Portugal, incluindo Regiões Autónomas, demandem a nossa vila. A Associação Humanitária e Beneficente dos Bombeiros Voluntários de Esposende, como anfitriã, já se prepara para uma recepção condigna de modo a proporcionar a quantos a visitam uma agradável estada entre nós.

Tradição Pascal - Na quadra Pascal os Bombeiros também têm tradições que cumprem religiosamente. Assim, dando continuidade a uma iniciativa de muitos anos de seu Pai, o saudoso Comandante Carlos Mar-

Um paraíso no esquecimento

Por Manuel A. Monteiro

Existem coisas que nos deixam a pensar, e locais também.

Estou em crer que poucas terras do país terão as potencialidades naturais e turísticas que tem o concelho de Esposende. Hoje vou falar de uma das zonas mais bonitas desta terra de Suave Mar que, vê-la, foi um local que me deixou a pensar. Refiro-me tão somente à Barca do Lago, verdadeiro Oásis da freguesia de Gemeses, onde a calma do Rio, o Pinhal e o Areal se enquadram maravilhosamente num ambiente de Tranquilidade e Paz. Julgo ser difícil encontrar melhor para quem necessita de repouso e serenidade para recuperar energias e saúde a fim de enfrentar o desgaste do dia a dia. Causa-me bastante surpresa ainda não ter aparecido alguém ou alguma entidade que desse um empurrão no desenvolvimento deste belo local, dotando-o do mínimo de condições que permitissem uma permanência total a quem quizesse ali passar umas férias tranquilas e agradáveis. Penso que um industrial de Hotelaria dinâmico e sabedor, teria o seu dinheiro bem aplicado se quizesse construir na Barca do Lago uma unidade hoteleira de bom nível que permitisse a fixação de todos os que gostamos de umas férias tranquilas e saudáveis. Também os homens de negócios que nos visitam e vêm dos quatro cantos do mundo, encontrariam aqui um local privilegiado para realizarem os seus negócios e gozarem algum tempo de lazer. Por vezes os grandes negócios surgem de pequenas decisões. Investidores do meu País: - Há em Esposende uma jóia que precisa de ser aproveitada e que se chama A BARCA DO LAGO.

tins, na 5.ª feira Santa, o Senhor Engenheiro Oliveira Martins esteve no Quartel distribuindo por todos os elementos que compõem a Corporação de Bombeiros as saborosas amêndoas. Nas procissões nocturnas de 5.ª e 6.ª feira Santas um elevado número de Soldados da Paz, em impecável formatura, participou com solenidade e garbo habituais. No Domingo de Páscoa, as cruzes, que percorreram as casas da vila, encontraram-se no Salão Nobre, fechando o tradicional Compasso. Ali compareceram os Directores, o Comando e o Corpo Activo, bem como muitas pessoas para oscurem a Cruz de Cristo Resuscitado. O Presidente da Direcção e Monsenhor Baptista de Sousa, em improvisos adequados, realçaram o sentido daquele costume festivo, o simbolismo daquela tradição e as semelhanças que é possível encontrar entre o humanismo do sacrifício de Cristo e o humanitarismo dos Bombeiros.

Aniversário - Dado que as comemorações do aniversário da Associação têm lugar no dia 7 de Abril, não é possível, neste número damos conta aos nossos leitores do decurso das festividades. Fá-lo-emos na nossa próxima publicação.

Contactos com o "Farol de Esposende"

Temos repetidamente informado que para publicidade, novas assinaturas ou qualquer outra informação temos, em alternativa à sede situada na Rua Barba de Esposende, n.º 35 - 1.º andar a dar resposta a estes problemas, todos os dias, das 9 às 12 horas, e das 14,30 às 19, o Senhor António da Costa Terra, na Rua 1.ª de Dezembro, Telefone 961103 em Esposende, componente do corpo redactorial deste quinzenário.

Mas temos Caixa do Correio, de vjamento acatfelada onde pode ser recebida toda a correspondência, na sede atrás citada. Pois mesmo assim há pelo menos uma instituição local, que não não descobre, não sabe a quem entregar anúncios, não obstante a sua publicação gratuita, telefona até ao Director deste jornal a participar que não encontra a sede aberta, não obstante ter na frente dos olhos a Caixa do Correio. Então, os males de que esta pobre terra não consegue libertar-se.

O "Farol de Esposende" n.º 9 de 11 de Abril de 1991



Conservatória dos Registos Predial e Comercial de Esposende

"NAAV - NOVO ATELIER DE ARTES VISUAIS, LIMITADA"

Conservatória do Registo Comercial de Esposende
N.º de matrícula 00445
N.º de identificação de pessoa colectiva 502 517 778
N.º de inscrição 00001
N.º e data de apresentação 04 - 91/03/15

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICADA, que entre JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA VILARES PIRES, casado na comunidade de adquiridos com Maria Carolina de Assis Vaz Saleiro Vilares Pires, residente no Aldeamento dos Belgas, freguesia e concelho de Esposende e PEDRO NUNO CAMPOS DE VILA CHÁ ESTEVES, solteiro, maior, residente na Rua Doutor Moreira Pinto, freguesia de Fão, concelho de Esposende, foi constituída a sociedade em epígrafe que se rege pelo seguinte contrato:

Artigo 1.º

A sociedade adopta a firma "NAAV - NOVO ATELIER DE ARTES VISUAIS, LD.ª" e tem a sua sede em lugar da Igreja, na freguesia de Marinhas, deste concelho de Esposende.

Artigo 2.º

O seu objecto consiste em construção de maquetes de obras de construção Civil, obras públicas ou de quaisquer projectos arquitectónicos; concepção e execução de cartazes e placas publicitárias, logotipos, emblemas, insígnias ou quaisquer outros sinais, distintivos, concepção e fabricação de brinquedos e peças decorativas em quaisquer materiais, concepção e execução de campanhas publicitárias e decoração de espaços interiores.

Artigo 3.º

O seu capital, integralmente realizado em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS é correspondente à soma de duas quotas iguais de DUZENTOS MIL ESCUDOS, pertencendo cada uma delas a cada um dos sócios JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA VILARES PIRES e PEDRO NUNO CAMPOS DE VILA CHÁ ESTEVES.

PARÁGRAFO ÚNICO: - Por deliberação da Assembleia Geral, podem ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital, cujo montante global nunca será superior a vinte vezes o capital da sociedade à data da deliberação.

Artigo 4.º

A gerência da sociedade pertence a ambos os sócios, sendo necessária a intervenção dos dois para vincular a sociedade; mas para a prática de actos de mero expediente, é suficiente a assinatura de qualquer dos gerentes.

Artigo 5.º

A divisão e cessão de quotas entre sócios é livre, a estranhos carece de consentimento da sociedade, detendo esta ou o sócio não cedente, e por esta ordem, direito de preferência.

PARÁGRAFO ÚNICO: - A sociedade pode proceder à amortização de qualquer quota em caso de divórcio ou separação judicial do seu titular, bem como em caso de penhora, em processo executivo ou de liquidação de patrimónios, a que não tenha sido deduzida oposição ou, esta venha a ser julgada improcedente.

Artigo 6.º

O valor de qualquer quota, quanto transmitida por morte, em consequência de amortização de quota, exoneração ou exclusão de sócio, será o que resultar da média dos balanços aprovados, relativos aos três últimos exercícios.

Está conforme o original
Numeradas de folhas uma a folhas três.

Conservatória do Registo Comercial de Esposende, aos 28 dias do mês de Março de 1991.

A Conservadora Destacada,
a) Maria do Céu Neiva Portela

Câmara Municipal de Esposende

Edital 6/91

Regulamento de Actividades Retalhistas Alteração



ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO, para os efeitos previstos no art. 89.º do Dec.-Lei n.º 100/84, de 29 de Março, que a Assembleia Municipal de Esposende, em sua sessão ordinária de 28 de Dezembro de 1990, deliberou aprovar uma alteração ao Regulamento de Actividades Retalhistas, da qual resultam profundas transformações no funcionamento da feira quinzenal da vila de Esposende, nomeadamente no modo de atribuição de lugares aos feirantes e nas taxas a pagar, encontrando-se um exemplar patente na Repartição Administrativa e Financeira da Câmara Municipal de Esposende, o qual poderá ser consultado por todos os interessados, durante o horário de expediente dos serviços.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente edital e outros de igual teor nos lugares públicos do costume, bem como nos Jornais de maior circulação na região.

Esposende e Paços do Município, 18 de Março de 1991

O Presidente da Câmara
(Alberto Queiroga Figueiredo)

Em Esposende Em 1920 era assim

Os Estaleiros continuam em grande actividade

Está prestes a concluir-se a construção no estaleiro velho do elegante lugre FAMALICÃO 2º, propriedade da Sociedade de Navegação e Pesca de Esposende L.da. Destina-se à pesca do bacalhau e já é provido de um excelente motor de grande força. Como eram dinâmicos os esposendenses nos anos 20! Existiam dois estaleiros, duas empresas de navegação e intensa vida social. No estaleiro novo, junto ao Salva Vidas também era festejado o lançamento à água de uma grande barçaça de transporte de mercadorias, designada por «Light», destinada a uma firma do Porto. Que saudosos tempos!

Água Inquinada!

São gerais os queixumes da população de Esposende contra a água do fontenário público, ao que se supunha inquinada, pois passa por inúmeros terrenos de cultura onde utilizam adubos naturais. Para ser usada é necessário coar e ferver. 70 anos depois já nem mesmo coada e fervida. A História repete-se!

Festa da Senhora do Livramento em Vila Chã

Anunciam-se grandes festejos em Vila Chã para 4 e 5 de Maio, neste ano de

1921, com 2 bandas de música e um grupo de Zés P'reiras a abrilhantar os já muito tradicionais festejos. A festa da Senhora do Livramento atrai sempre muitos devotos a Vila Chã, acrescenta a notícia.

E dá-se à perna no Teatro Clube de Esposende

Promovido pela Direcção da Assembleia Esposendense, realizou-se no passado domingo de há 70 anos, um baile a que assistiram as famílias dos sócios da Assembleia.

Dançou-se até às 6 horas da madrugada. Mas que gente rija a desse tempo capaz de concorrer ao Guinness e obter o 1º prémio! Antes, a dançar e hoje... a carpir!

Já havia zangas no futebol

No encontro realizado entre o Atlético de Barcelos e o Esposende Sport Clube, foi tal a indelicadeza e turbulência dos visitantes que o Esposende resolveu cortar relações com os barcelenses em termos de futebol.

O grupo barcelense era misto, inte-

grando os melhores jogadores de Barcelos que ganharam aos locais por 2x1. mas as comadres zangaram-se. Paciência, o futebol já nesses recuados tempos tinha destas coisas.

Um herói de Esposende recordado

No próximo dia 9 de Abril comemora-se em Esposende a batalha de LA LIZ em que faleceu em combate um esposendense: o sargento Álvaro Fernandes.

Ainda hoje na rua Direita e na casa da Família podem os esposendenses ler o nome deste conterrâneo, falecido na primeira Grande Guerra, nos campos de batalha de França. Esposende também pagou um pouco essa tragédia vivida entre 1914-1918. Recordemo-lo com saudade.

Mais uma quadra popular

As quatro esquinas da praça Já se não chamam esquinas Chamam-se confessionários, De confessar as meninas

Em colaboração com a Rádio Esposende. F.M. 93.2.

B.A.

Notariado Português Cartório Notarial do Concelho de Esposende Certificado

MANUEL GOMES SOARES, PRIMEIRO AJUDANTE DO CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE ESPOSENDE;

CERTIFICADO - que por escritura de vinte e dois de Março do corrente ano de mil novecentos e noventa, exarada a folhas cinquenta e cinco e seguintes, do livro de notas deste Cartório número quarenta e três - A, de escrituras Diversas, MARIA IRENE VILA VERDE ALVES DE FARIA, viúva, natural da freguesia de Forjães, deste concelho e residente no Lar de Santo António, na mesma freguesia de Forjães, declarou que é dona e legítima possuidora do seguinte prédio: -

Prédio rústico, composto de pastagem e fruteiras, sito no Quintal, na indicada freguesia de Forjães, com a área de quinhentos metros quadrados, a contar pelo norte-Olivia Miranda Vila Verde, nascente e sul-Estrada Municipal e poente - Passal Paroquial, inscrito na matriz predial, em nome dela outorgante sob o artigo 2.083, com o valor patrimonial de seis mil quatrocentos e noventa escudos e no valor atribuído de CINQUENTA MIL ESCUDOS, não descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho: - Que, sempre esteve e se tem mantido na posse e fruição, do mesmo prédio, há mais de vinte anos, cultivando-o, colhendo os seus frutos e administrando-o, com conhecimento de toda a gente, sem qualquer interrupção ou oposição de quem quer que seja;

- Que, assim, esta posse que se arroga por ter sido sempre pacífica, contínua e pública e durante mais de vinte anos, faculto-lhe a aquisição do mencionado prédio por usucapião, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição, de documento ou título formal que lhe facilite a prova do seu direito, base do registo que pretende efectuar a seu favor. E, nesta conformidade vem ela outorgante prestar estas declarações para efeitos de primeira inscrição no registo predial.

É CERTIFICADO QUE FIZ EXTRAIR E VAI CONFORME AO ORIGINAL AO QUAL ME REPORTO. -Rasurei «arroga»

ESPOSENDE E CARTÓRIO NOTARIAL AOS VINTE E SEIS DE MARÇO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E UM O 1º Primeiro Ajudante do Cartório Notarial

a) Manuel Gomes Soares



Conservatória dos Registo Civil, Predial e Comercial de Esposende

«QUINTA & COSTA, LIMITADA»

Conservatória do Registo Comercial de ESPOSENDE
Nº de matrícula 00041
Nº de inscrição 00004
Nº de identificação de pessoa colectiva 500 225 338
Nº e data da apresentação 11 91/03/08

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi alterado o contrato de sociedade em epígrafe, com o aditamento de um parágrafo único ao artigo 3º, ficando com a seguinte redacção:

ARTIGO 3º

Parágrafo Único - A sociedade fica autorizada a participar no capital social de Agrupamentos Complementares de Empresas, bem, como em quaisquer sociedades, inclusivé, como sócia de responsabilidade ilimitada e em sociedades com objecto social diferente do seu.

O texto completo do contrato na sua redacção actualizada ficou depositado na pasta respectiva.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE,
aos vinte e um dias do mês de Março de 1991.
A CONSERVADORA DESTACADA
a) Maria do Céu Neiva Portela



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

AVISO

Torna-se público que de harmonia com a deliberação do executivo, tomada em 14 de Março de 1991, a Tesouraria desta Câmara Municipal encerrará os serviços ao público a partir do próximo dia 25, às 16:00 horas.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente aviso, que vai ser afixado nos lugares público do costume.

Paços do Município, 28 de Março de 1991.

O Presidente da Câmara
(Alberto Queiroga Figueiredo)

Indicações úteis

Bombeiros de Esposende	961254
Bombeiros de Fão	961189
Hospital de Esposende.....	961156
Hospital de Fão.....	961305
Centro de Saúde de Esposende	961653
" " " de Fão	961705
" " " Apúlia	961338
" " " de Forjães.....	871420
G.N.R. Esposende.....	961233
Socorros a Náufragos.....	962222

Telefones (Urgências)

Cruz Vermelha - Portuguesa.....	963113
U.S.C. Vermelha Marinhas.....	964720
Farmácia Gomes-Esposende.....	961237
Farmácia Monteiro - Esposende	961258
Farmácia Higiénica- Fão	961303
Farmácia da Apúlia - Apúlia	961141
Farmácia de Marinhas.....	961694
Guarda - Fiscal - Esposende.....	961896
Intoxicações, Venenos, Mordeduras de Repteis e Insectos	
Venenosos - Lisboa.....	01- 767777

Albino da Costa Lopes Móveis - Estofos Decorações Fabricante

Fábrica: Barreiro - Rio Tinto
4740 Esposende

Exposição: Urbanização do Rio
4740 - Esposende
Telefone: 851301

O Concelho em notícia

GEMESSES DE MARINHAS

por Dr. M. Coutinho

Depois de ter falado muito de água, estas crónicas não caíram em saco roto. Domingo, dia 21, depois do recado dado pelo pároco, reuniram-se os agricultores para debaterem o problema da água de rega. A freguesia vai ser atravessada por uma conduta até Palmeira do Faro. Esta passa por pontos estratégicos, próprios para que a água conte para todos os pontos da freguesia. Os donos desta conduta não se opõem a que no mesmo cabouco seja enterrada outra conduta. O assunto de domingo foi sobre a água de rega. Convém dizer que esta empresa deu à junta mil contos... que, segundo consta, vão ser aplicados numa vedação entre o campo de futebol e uma bouça, do lado norte. Porque não investir esses mil contos a favor da agricultura, isto é, em favor duma conduta para os agricultores poderem regar os campos? É possível que não chegue... Contudo, um projecto feito por um especialista o dirá, quando apresentar esse projecto à Junta, à Assembleia de Freguesia e aos agricultores caberá o encargo de tão grande melhoramento.

Caminhos

Nesta freguesia existe uma única estrada, que vai do Calvário até fins de Painçais, além da que vai de Palmeira até à Barca do Lago, mas esta está a cargo da Junta Autónoma das Estradas. De resto, são caminhos tortos e cheios de curvas. Este ano até estão limpos, graças ao trabalho de dois jomaleiros.

A Câmara cedeu um tractor, a Gandra e a Gemeses, alternadamente, para remoção do lixo das valetas. Esse entulho deveria ser deixado nos buracos dos caminhos sem assistência; mas não, é levado para os campos dos mais amigos e longe do local onde é enchido.

O que não está certo é que este tractor, que deveria ser exclusivamente para uso dos dois jomaleiros, ande a servir e em serviço de terceiros, como por exemplo a transportar mato das bouças para casa de particulares. Um caminho que não existe e faz muita falta é para o Monte de Amelas. É costume arder de três em três anos e os bombeiros não têm acesso ao monte por falta de caminho. Outro reparo se verifica, é a comunicação com o rio Cávado. Há um acesso no vau das Oliveiras que está trancado com troncos de oliveiras impedindo os veículos de passar.

Visita ao C.S. da J.U.M.

Por: Dr. J.M. Regado

Realizou-se no passado dia 24 de Março, pelas 10.30 horas, uma visita ao edifício do Centro Social da J.U.M. de Marinhãs, já na fase final de construção. Estiveram presentes o Sr. Presidente da Câmara, o Sr. Presidente da Assembleia e outros membros da Autarquia Municipal; o Sr. Presidente da Junta de Freguesia e da Assembleia de Marinhãs; o Sr. Presidente da Direcção do Centro Social António Pires Cameiro Capitão e os membros dos Corpos Gerentes e algumas dezenas de pessoas da população de Marinhãs. Após a recepção às Entidades Oficiais, o Secretário da Direcção do C. Social, acompanhado por todas as pessoas presentes, percorreu as instalações e explicou, em pormenor, a sua funcionalidade. No fim, falou o Sr. Presidente da Junta, o Sr. Presidente da Câmara e para encerrar esta visita o Sr. Presidente da Direcção agradeceu a presença das Entidades e população. Das palavras proferidas se pode concluir que este Centro deve ser apoiado por todos pois está a construir-se para bem servir o Povo.

Prova de Atletismo

O C.S. da J.U.M. de Marinhãs vai realizar a XV Grande Prova de Atletismo de Marinhãs, no dia 21 de Abril, pelas 9.30 horas abrangendo as localidades de Marinhãs e Vila Chã, em cinco escalões, femininos e masculinos e percursos variados, sempre com partida e chegada no lugar da Igreja, junto ao Centro Paroquial.

Óbito

Faleceu Emília Gonçalves da Silva, viúva de Albino Rodrigues Gramoso, no dia 27 de Março, com 83 anos de idade, na Bélgica. A extinta tinha partido para este país há um mês para habitar com os seus familiares emigrantes. À família enlutada apresentamos sentidos pêsames.

GANDRA

Por: Bernardo Santa Mariana

Via Sacra

No passado dia 24 de Março (Domingo de Ramos), pelas 20.30 horas, mais uma vez e por iniciativa dos jovens desta freguesia, levou-se a efeito uma Via Sacra que vai desde a Igreja Paroquial, passando pelo Lugar do Souto, Fonte e regressando novamente à Igreja. Ao longo deste percurso e que leva 2 horas a percorrer, encontravam-se as diversas estações, nas quais se encontravam, personagens ao vivo, devidamente vestidos a rigor. Em cada estação houve uma meditação, ao mesmo tempo que era feita uma pequena representação própria daquela estação. É uma Via Sacra muito participada pela população de Gandra, talvez pela hora em que esta teve lugar, pelo espectáculo em si, das divesas representações e do silêncio da noite que é propício para a meditação e reflexão. No final e já na Igreja Paroquial, foi proferido um sermão por um distinto orador, alusivo à Paixão de Cristo.

Visita Pascal

Mais uma vez se realizou a Visita Pascal a todas as casas desta freguesia. É de facto, para nós cristãos, um grande dia e com um enorme significado, pois é o dia da Ressurreição de Jesus Cristo, é a passagem da morte para a vida. É um dia de convívio entre familiares e amigos. É um dia em que as pessoas espelham no seu rosto alegria e regozijo. Até o sol e o bom tempo que se fez sentir se quiseram associar a esta Festa Pascal

O "Farol de Esposende" nº 9 de 11 de Abril de 1991

Notariado Português Cartório Notarial do Concelho de Esposende CERTIFICADO

MANUEL GOMES SOARES, PRIMEIRO AJUDANTE DO CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE ESPOSENDE:

CERTIFICO que por escritura hoje mesmo lavrada a folhas trinta e três verso e seguintes, do livro de notas número quarenta e nove - C, de Escrituras Diversas, deste Cartório, MANUEL LOUREIRO PATRÃO e mulher ALICE LARANJEIRA MENINA, casados segundo o regime da comunhão geral, ambos naturais da freguesia de Marinhãs, deste concelho e nela também residentes no lugar de Goios, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, de um prédio rústico que consta de cultura de regadio, videiras em ramada e fruteiras, com a áreas de trezentos e setenta e sete metros quadrados, e dois centímetros, no sítio do Eirado, do dito lugar de Goios e freguesia de Marinhãs, a confrontar pelo norte com Paulo José da Mota Fernandes Alves, pelo sul com caminho, pelo nascente com Adelaide Pires Menina Laranjeira e pelo poente com Estrada, não descrita na Conservatória do Registo Predial deste concelho e inscrita na matriz respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 653, com o valor patrimonial de nove mil oitocentos e dezoito escudos e no declarado de DUZENTOS MIL ESCUDOS:

Que, sempre estiveram e se tem mantido na posse e fruição, do relacionado prédio, há mais de vinte anos, cultivando-o, colhendo os seus frutos e administrando-o, com conhecimento de toda a gente, sem qualquer interrupção ou oposição de quem quer que seja:

Que, assim, esta posse que se arrogam, por ter sido sempre pacífica, contínua e pública e durante mais de vinte anos, faculta-lhes a aquisição do mencionado prédio por usucapião, não dispondo, todavia, dado o modo de aquisição, de documento ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base de registo que pretendem efectuar a seu favor. E, nesta conformidade vêm eles outorgantes prestar estas declarações para efeitos de primeira inscrição do registo predial.

É certificado que fiz extrair e vai conforme ao original ao qual me reporto. Rasurei "trinta e três". Entrelinhei "verso".

Esposende e Cartório Notarial do Concelho aos vinte e seis de Março de mil novecentos e noventa e um.

O 1.º Ajudante do Cartório Notarial
a) Manuel Gomes Soares

O "Farol de Esposende" nº 9 de 11 de Abril de 1991

Conservatória do Registo Civil, Predial e Comercial de Esposende



"AUGUSTO MEIREIS, LIMITADA"

Conservatória do Registo Comercial de Esposende
N.º de Matrícula 00444
N.º de Identificação de pessoa colectiva 501992819
N.º de Inscrição 00002
N.º e data de apresentação 15 - 91/03/08

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi aumentado o capital social de 500 000\$00 para 7 500 000\$00 sendo o reforço de 7 000 000\$00 em dinheiro, subscrito pelos sócios Augusto Pires Vaz Meireis e Rosa Pires Gonçalves, tendo em consequência sido alterado o artigo 3.º e ainda os artigos 1.º e 6.º do respectivo contrato ficando com a seguinte redacção:

Artigo 1.º

- 1 - A sociedade adopta a firma "AUGUSTO MEIREIS, LIMITADA",
- 2 - A sua sede é na Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira, freguesia e concelho de Esposende,
- 3 - A sociedade teve o seu início em doze de Março de mil novecentos e oitenta.
- 4 - A sede social poderá ser transferida para outro local do mesmo concelho ou de concelho limítrofe, por intermédio da gerência, a solicitação desta, mediante consentimento dado por simples deliberação da Assembleia Geral.

Artigo 3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de SETE MILHÕES E QUINHENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas iguais de três milhões setecentos e cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios.

Artigo 6.º

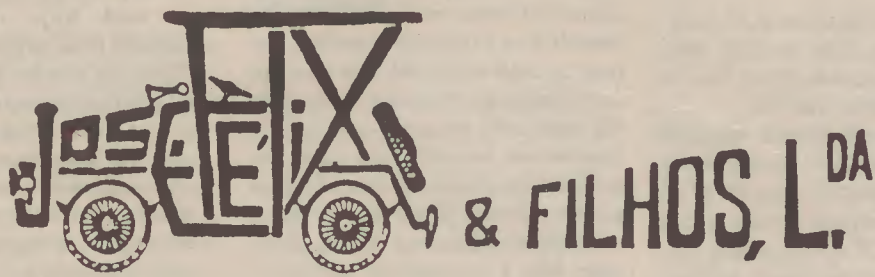
Os lucros líquidos disponíveis, apurados em cada balanço, terão o destino que a Assembleia Geral delibere.

O texto completo do contrato, na sua redacção actualizada, ficou depositado na pasta respectiva.

Conservatória do Registo Comercial de Esposende, aos 22 dias do mês de Março de 1991

A Conservadora Destacada
a) Maria do Céu Neiva Portela

José Félix & Filhos, Lda.



VENDAS E SERVIÇO



STAND E OFICINAS: RUA 5 DE OUTUBRO, 57 - TELEFS. 631050-631072 - TELEX:27449 AVAUTOP - 4480 VILA DO CONDE
STAND FILIAL 1: RUA DR. SOUSA CAMPOS, 3 - TELEF. 624914 - 4490 PÓVOA DE VARZIM
STAND FILIAL 2: LARGO DO TRIBUNAL - TELEF. 962273 - 4740 ESPOSENDE
STAND FILIAL 3: QUINTA DO APARÍCIO, 26 - TELEF. 814560 - 4750 BARCELOS

RECORDAR O PASSADO CUIDAR O FUTURO

Cont. da 1ª pág.

pelo Coronel Bento Lopes da Costa

da. A catraia era a embarcação típica da época que, impelida pelos seus oito pesados remos, graças aos vigorosos braços dos seus tripulantes, percorria longas milhas por esse mar fora, até ao içar da vela. Tempos difíceis esses, em que muitos pagaram com a vida a ousadia em enfrentar o oceano com tão frágeis meios!

O desemprego e a emigração eram uma constante e em vão se procuravam alternativas que invertessem a situação. Esta circunstância preocupava, naturalmente, os responsáveis pelos destinos de Esposende. É então que surge a ideia da industrialização. Não importava saber que indústria melhor conviria, se as fábricas lançariam ou não negro fumo por negras chaminés... não interessava! O que importava era uma qualquer fábrica que desse trabalho aos que o não tinham. Felizmente ou não, o facto é que os empresários não se interessaram por Esposende. O estaleiro continuou a laborar, creio que por pouco tempo, e a classe piscatória a sofrer.

Não obstante as enormes dificuldades que se atravessavam é nesta época que se assiste ao invento que vai marcar, de uma forma decisiva, o começo da transformação de Esposende, graças à visão de então Presidente do Município Padre Manuel Sá Pereira. Refiro-me à construção da Avenida Marginal, que começava junto à Capela de S. João, e das que se lhe seguiram, Avenidas do Hospital e dos Rouxinóis (hoje Padre Sá Pereira), que passaram a constituir não só as traves mestras do desenvolvimento urbano de Esposende como também aproximaram a vila das magníficas praias de SUAVE-MAR.

Só que foram necessários quase 50

anos para Esposende se aperceber que outra componente económica começava a despontar e que, se inteligentemente aproveitada, seria decisiva para o seu desenvolvimento. Descobriu, afinal, que a sua vocação seria o TURISMO – moderna e florescente indústria, fonte de progresso e desenvolvimento, que nem sequer é poluente. Descobriu sim, que o «garante» do seu futuro está ali «à mão» nas praias de SUAVE-MAR e no belo estuário do «CÁVADO».

Mais uma época estival está à porta.

Dentro de 3 ou 4 meses, começará Esposende a ser visitada por inúmeros Turistas nacionais e estrangeiros e bom seria que se comesse já a tomar algumas medidas tendentes a alterar o que de mau permanece de há muitos anos, sem qualquer solução à vista.

Lembramos, por exemplo, a limpeza da praia e das dunas adjacentes de SUAVE-MAR. É inadiável que se proceda quanto antes àquela tarefa, mesmo sem o recurso a dispendiosas máquinas, que tardam a aparecer. Será imperdoável, que os habituais veraneantes venham ali encontrar os mesmos «lixos» de anos anteriores.

Outra medida que tarda a ser solucionada é a pavimentação dos passeios da Av. Eng.º Arantes e Oliveira. Já que não será possível fazê-la nos tempos mais próximos, porque não proceder a pequenas reparações pontuais e ao lançamento de uma boa camada de saibro em toda a sua extensão, por forma a torná-los mais cómodos e menos poeirentos? O estado em que se encontram a partir do Hotel SUAVE MAR para o norte, é simplesmente deplorável!

O alargamento da praça da barra, junto ao farol, é outra obra que carece de

solução, dada a pressão cada vez maior que, de ano para ano, se verifica naquela zona. São centenas e centenas de viaturas que aos Sábados e Domingos, e não só, ali desfilam num vai-vem incessante à procura de estacionamento. E não admira, dada a extraordinária beleza da paisagem que dali se desfruta. Mesmo por precária que seja a solução não seria possível o alargamento da área de estacionamento com o recurso ao aterro de parte do espaço que ali abunda, a sul da muralha do Forte?

Finalmente, entendemos que conviria começar a pensar-se em novos espaços para estacionamento de viaturas no topo do troço final da Av. Arantes e Oliveira e impedir de forma radical o trânsito de viaturas no pequeno caminho que daquele troço, sai em direcção à praia, a fim de evitar o estacionamento de viaturas junto à duna primária.

Esperamos que os pequenos arranjos que se sugerem não sejam, no seu conjunto, obra que mobilize grandes recursos financeiros e exija projecto complicado. O que se sugere pouco é. De qualquer forma, SUAVE-MAR pelo que representa para Esposende merece muito e muito mais. Há que acabar com o marasmo e o ar descuidado que enleia Esposende e é tempo de alindar a vila e todas as zonas que dão acesso a SUAVE-MAR por forma a que esta terra dê agrado a quem nela vive e prazer a todos quantos a visitam.

Daqui apelamos para o Presidente do Município no sentido de que, pelo menos se remedeie, o que, pelos tempos mais próximos, não é possível fazer como obra definitiva. Aqui fica o nosso apelo.



O congestionamento na foz do Cávado

O «TIÃO»

Cont. da 1ª pág.

indicações de interesse para a navegação; porque sicrano, também não se refere a Esposende, etc, etc... Mais: que D. João III (meu muito querido avô) determinou que se fizesse um Rol de navios ancorados nos nossos portos, nomeadamente Esposende e Fão. Ora, é elaborado um Auto em 23 de Fevereiro de 1552 pelo licenciado Nicolau de Almeida (citado pelo tal sujeitinho) «... ouvidor pelo duque Nosso Senhor nestas suas terras... e ele ouvidor mandou notificar os moradores do dito lugar (Esposende) que tinham navios», o que é diferente de ancorados! O próprio Rol do lugar de Esposende, dos navios e caravelas, cita que há nele (lugar): 14 ancorados e 12 em diversos portos do País e Espanha, individualizando cada um deles, o que dá um total de 26. No entanto, e referindo-se ao tal Auto, o sujeitinho em questão diz que aí (Esposende) permaneciam uns 15 navios e caravelas. Poderia pensar-se que omitiu, involuntariamente o «tinham navios», assim como os que não se encontravam na vossa Terra. Mas não! Há um propósito em tal omissão, visto mais adiante vir dizer, custar a admitir que em 20 anos (1552/1572) a frota tenha aumentado de 15 para 74 navios, quando o aumento foi de 26 para 74... Sempre são mais 11 (que quiz esconder) mas não foi possível porque 11 navios não se escondem facilmente, deixando assim o rabo de fora. E espanta-se até de em 20 anos passar de 26, e não 15, para 74. Dá apenas, uma média de 2,4 navios/ano, o que é perfeitamente admissível numa terra que vinha a desenvolver-se extraordinariamente, embora lhe custe a ouvir tal. Mas olha, que credibilidade pode merecer quem omite tão importante pormenor para levar a água ao seu moinho? Para querer demonstrar que Esposende nunca foi nada e que o seu porto de mar, que ele chama «fluviál», nunca poderia ter sido importante. Mas a sua obsessão (até parece doença mórbida) vai ao ponto de pôr em dúvida o constante do Foral... Dúvida da honestidade do Provedor da Comarca e Provedoria de Viana Foz do Lima, ao dizer se terá «sido verdadeiro nas informações sobre a petição feita pelas gentes de Esposende», quando aquele, na informação que me deu sobre a vossa pretensão, numa atitude de isenção e imparcialidade, entendia que para mais justificação eu devia tomar o parecer de D. Rodrigo da Cunha, do meu Conselho, e presidente da alçada que por lá andara, ao qual mandei mostrar os ditos autos e a carta do dito provedor, e que por seu assinado declarou que tinha visto do dito lugar de Esposende onde estivera com

a alçada lhe parecia por muitas razões que eu vos deveria conceder a mercê que me pedeis e deveria fazer Vila a vossa terra.

Mas vai mais longe quando diz: quem acredita na descrição feita na Carta Régia que elevou Esposende a vila? É de tope! Pois acreditei eu, e acredito enquanto não me provar com documentos que tudo o que dele (Foral) consta é falso. Mas com documentos e não com deduções e suposições, como faz, baseado em nada. Aliás Barcelos, que se opôs tenazmente à vossa independência por intermédio do procurador do Duque de Bragança, «meu muito amado e prezado sobrinho» de quem era o lugar de Esposende, não contesta, o que lhe seria fácil se não correspondesse à verdade e a uma realidade evidente. Mas 410 anos depois é que ele (o tal sujeitinho) vem pôr tudo em dúvida, e exclamando que nada pode ser verdade. Nem a mim me poupa, quando pretenderdo ter e fazer graça vai dizendo: «será que o jovem monarca quando visitou Esposende deparou com grande nevoeiro, não se apercebendo da realidade do seu porto fluviál?»

Ouve lá... já lestes o «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal? Elucidativo, ao dizer: nos annaes do Município, de Esposende, lê-se que a barra foi antigamente muito importante, havendo neste Porto 70 a 80 navios. E o «Dicionário de Geografia Universal» Tomo II do ano de 1856 de onde consta: «... e teve um porto que foi importante, mas que está hoje completamente obstruído pelas areias».

Tudo isto não lhe dirá nada? Talvez não! Estará como indivíduo que conheci que para ele era o Sol que andava e não Terra, não havendo argumentos que o convencessem do contrário.

Ria-se e retorquia: pois é!... mas o certo é que eu de manhã vejo o Sol a nascente; ao meio dia a sul, e à tarde a rondar para poente. Então é a Terra que anda? Se ela andasse, concluía ele, as casas não se aguentavam de pé, e nós andávamos aqui aos trambolhões!... Às vezes entristece-me um anti-Esposende tão primário como aquele que manifesta o tal sujeitinho, que tudo procura para inferiorizar e denegrir a terra, que também é dele, por nascido dentro do concelho. Outras vezes dá-me vontade de rir, e não pouco! Até me dá para fazer uns «versitos»!... Mas isso fica para outra ocasião. Certo?

Ah...Tião...Tião! Sempre o mesmo. Tens tempo para tudo!...

H. S. Oliveira-

TURISMO

pelo Dr. Armando Saraiva

Cont. da 1ª pág.

Chave de desenvolvimento

– Uma resposta

criou Ofir foi sem dúvida Raul de Sousa Martins. A partir de 1945 accionou a construção de várias residências no pinhal de Fão, mandou construir o pequeno bar-restaurante Ofir, situado nos freiros da praia, agregou vários capitalistas do norte na Sociedade Ofir e Fão, L.ª que por sua vez adquiriu uma extensão de pinhal e proceu à construção de um hotel.

Rodeado de Técnicos de marketing – nessa altura não eram assim chamados – criou a internacionalmente conhecida zona de Ofir que ainda hoje é o polo do Turismo concelhho.

Esposende, porém, não ficou queda. Espicados por um saudável bairrismo – a dialética da história do concelho – um grupo de esposendenses, impulsionados por dois homens de Braga – Joaquim José Soares e dr. Duarte Carrilho – constituíram a sociedade Praia Suave Mar, L.ª que tinha por objectivo a «aqui-sição de prédios rústicos e a exploração hoteleira». Deste grupo nasceu o Hotel Suave-Mar, contemporâneo do Hotel Ofir.

Como elemento catalizador destas realizações, deve destacar-se o apoio do P.ª Sá Pereira que foi Presidente da Câmara desde 1931 a 1954, exceptuando-se um pequeno intervalo que vai de Novembro de 1944 até Julho de 1947, período durante o qual o cadeirão do município fo ocupado pelo dr. Francisco Duarte Moreira Carmo, um médico que morava em Apúlia.

O arquitecto Júlio de Oliveira, último abencerragem dos cabouqueiros de Ofir ainda vivos, costuma dizer: «Há três nomes que para sempre devem ficar ligados ao Turismo de Ofir – Sousa Martins, António Borda e P.ª Sá Pereira».

A propósito da homenagem que a este último foi prestada pela Sociedade Ofir Fão L.ª, em Agosto de 1955, escreve o editorial de O Cávado de 21 de Agosto do mesmo ano: «Num acto de verdadeiro civismo, de gratidão a quem pugnou intensivamente pela materialização desse magnífico sonho de Ofir».

Muito significativas também foram as palavras escritas pela mesma empresa no cartão que acompanhava as flores en-

viadas por ocasião da morte do P.ª Sá Pereira ocorrida em Julho de 1954: «Homenagem da Sociedade Ofir e Fão, ao homem que primeiro viu Ofir.

Quanto à evocada Avenida Marginal deve dizer-se que ela foi terminada por Costa Leme, começada, pelo P.ª Sá de Pereira e concebida pelo Tenente Barros Lima quando 1927 iniciou as suas funções de Presidente da Câmara de Esposende.

Que o meu prezado amigo António da Costa Leme foi um presidente, um homem que pôs os jornais diários a falar de Esposende, ninguém duvida. Que foi estrénuo defensor do Turismo é incontestável, mas os pioneiros, os homens que deram realização ao sonho, foram sem dúvida Sousa Martins do lado de cá, Joaquim José Soares e dr. Duarte Carrilho do lado de lá, e o P.ª Sá Pereira de ambos os sítios. E muitos outros, como é evidente. Esquecê-los daria razão a M. L. quando no citado texto diz que «por vezes a memória de povo é curta e por isso cai-se na ignorância, distorcendo a realidade».

Fão, Março de 1991.

Figuras Típicas por Bernardino Amândio
O «MANE JOAO»

De velhos Pescadores de Esposende

Permanecem ainda na memória dos esposendenses que dobraram o meio século algumas das mais típicas figuras de pescadores de Esposende, pelo seu conhecimento profundo do mar, pela sua fala rude como a maresia em dia de nortada, pela sua indumentária e quantas vezes, pelo humor com que narravam histórias ligadas à pesca e até às dificul-

sado com a tia Maria Costeira. A sua rouca voz, resultante de incontáveis anos de mar e do tabaco que absorvia em fortes goladas, distinguia-se quando ao cair da tarde se reunia a parlamentar com os amigos da companhia, no socairo da velha Alfândega. O que dele conhecemos e o muito de dados biográficos que nos deixou Belemino Ribeiro, caracteriza-

sobre os olhos, casaco sobre o ombro esquerdo, camisola de quartos, calçando tamancos no inverno e sempre descalço no verão. Nas lides do mar foi sardineiro e rasqueiro e no rio foi hábil pescador da lampreia, na barra ou na estacada com os seus olhos de lince a atrair ao seu bicheiro. Quando pemoitava de vigia à estacada não conhecia silêncios, palavra toda a noite, vociferava raios e coriscos quando a pesca o não satisfazia, era madrastra. Sempre escondia uma lampreia que pressuroso levava a Fontboa para presentear o seu grande amigo Grilo, homem tido como muito sabedor em coisas de Tribunal do qual como dizia «lá tinha o seu código...»

A recompensa era boa para além dos largos tragos com que era mimoseado pelo amigo Grilo. Depois de dar largas à sua verborreia lá regressava ao seu tecto, no recanto de S. João, para junto da sua Maria mas com um bom saco de batatas, garrafão de verde rascão que pinta a malga. Tinha uma predilecção muito arreigada por falar com os «Siô doutôris» de Esposende e estes gostavam de o ouvir e até lhe proporcionavam de tempos a tempos um fartote para o estômago e para a alma.

Numa noite, no antigo Hotel Vilarinho, que o Snr Albino e a Snrª Aninhas dirigiam com alta sabedoria gastronómica, houve festa rija com arroz de lampreia e bom verdasco. Com animação ao rubro, o Dr. Eduardo Mota, advogado e político de nomeada no meio, nunca esquecia o Mané João que a todos levava a palma no apreço ao bom vinho verde de Vila Cova.

Palavra puxa palavra e copo puxa copo, o Dr. Mota pede ao Mané João p'ra botar discurso, mas este devolve o convite pois é «o siô Doutôri que bota primeiro o discurso» e «depois falo eu». Assim aconteceu e na vez do Mané João, este salta para cima da mesa e perante os 15 convivas, recita 3 versos dos Luziadas:

«As armas e aos varões assinalados», etc, etc que João de Vasconcelos sauda com efusiva alegria. Como prémio, Mané João tem o verde de Vila Cova à disposição. Um, dois, três, dez, 15 copos são o fim da tirada.

Era homem de muitas posses em face de uma boa pinga e nunca deixa a honra por mãos alheias. No naufrágio do Lagoa foi um verdadeiro corsário a recolher objectos e recordações. Mas a noite



Capela de S. João (Desenho de Belemino Ribeiro)

grande, a maior do ano era a do santo rapioqueiro, o visinho S. João, portas meias com a sua modesta casa que tinha o telhado ao alcance da mão. Com a sua Maria Costureira dava a sua volta no bulício da grande dança, à noite, com a fogueira a crepitar e a sardinha assada a pingar no pão.

Os últimos anos deste lobo do mar, já viuvo, foram de doença e de fome. Sofre de um derrame cerebral que ele explicava como malefício recebido numa noite quando passava sob os arcos da Câmara de Esposende.

«Um sujeito, vestido de «macaréu», falou-lhe bruscamente e entrou-lhe pelo braço esquerdo, tornando-o inactivo». Cismou, cismou no caso e ficou mais triste.

Foi hospitalizado e deu que fazer a médicos e enfermeiros, pois ninguém tinha sido capaz de lhe tirar o «macaréu» do corpo. Os «doutôris» que tão bem o tratavam nas noites do Hotel Vilarinho, agora nada faziam e Mané João dizia que «Os Doutôris, são uma manta de burros. Má raios os parta!».

E acabou triste e doente, doente e muito pobre, investivando os médicos que lhe não tiravam do corpo o danado «macaréu».

Foi uma figura típica que bem merece o lugar na história dos homens de Esposende que enfrentaram com destemida ousadia o mar traiçoeiro.

Como muitos outros, apenas grangeou o prémio do abandono e da extrema miséria.



Figura típica do pescador de Esposende (Desenho a carvão de Belemino Ribeiro)

dades com que enfrentavam o mar cão, traiçoeiro e tantas vezes assassino.

Começarei com o velho Mané João, palrador impenitente, de meã estatura, que ainda pude conhecer e foi o mais típico palrador que se conheceu. Era oriundo da família dos Fritos e estava ca-

como homem de tez morena, avermelhada, rosto sulcado de rugas, nariz forte, olhos miudos, coruscantes, bigodo farto caído sobre os cantos da boca, uma boca já bem marcada pelo seu cachimbo recurvado.

Não dispensava a sua boina a recair

Farol de Esposende

Assinaturas de apoio

Dr. António Maria Lemos Costa (Vila do Conde)	2.000\$00
Porteiro Jorge Gomes Maciel (Forjães)	1.500\$00
Manuel António Ferreira Correia (Arcos Valdevez)....	1.500\$00
Manuel Leite Fernandes Igreja (Apúlia).....	2.000\$00
Prof. Joaquim Fernandes Cachada (Rio Tinto)	1.500\$00
António Alves Azevedo (Argentina)	1.500\$00
Torcato de Barros (Esposende)	1.500\$00
Dr. Pedro Tiago Silva (Funchal).....	2.000\$00
Drª Ana Branca Silva (Porto)	2.000\$00
David Manuel Morgado da Cruz (Açores)	1.500\$00
Anónimo (Viana do Castelo)	1.500\$00
Anónimo (França)	1.500\$00
Engº. Baltazar Romão de Castro (Esposende).....	2.500\$00
Dr. António Manuel Barbosa da Silva (Lisboa)	2.000\$00
Dr. Orlando Martins Capitão (Sintra)	2.000\$00
Franklin Ribeiro Casais (França).....	2.000\$00
Dr. Mário Leitão (Viana do Castelo)	2.000\$00

Faça do seu amigo, nosso amigo também!
Faça dele um assinante do jornal Farol de Esposende!

Para ser semanal, maior e melhor

«Farol de Esposende»
 precisa de 2.500 assinantes.,

Anuncie ;

faça já a sua

assinatura por apenas

1.000\$000 anuais

Pretendo Assinar o «Farol de Esposende»

Nome

Rua Nº

Código Postal.....Localidade

País

Importância remetida – Em Cheque.....

Em dinheiro.....

Custo da Assinatura Anual: País e Estrangeiro1.000\$00
 Assinatura de apoio a Partir de1.500\$00

Cole num postal e remeta a inscrição sua ou de amigo interessado na assinatura



farol de esposende



Porte Pago
 Taxe Perçue
 4740 Esposende

393

CASA DA CULTURA
 R. CONDE AGROLONGO
 4740 ESPOSENDE

13